

GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO DIDÁTICA *MODERNA PLUS* VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO

Submetido em: 27/2/2025

Aceito em: 13/11/2025

Publicado em: 24/3/2026

Fernanda de Santos Nascimento¹

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.17033>

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a inserção da problemática de gênero, das mulheres e do patriarcado na nova coleção da editora Moderna voltada ao Ensino Médio, para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, no âmbito do ensino da história. A escolha da coleção *Moderna Plus* ocorreu porque foi a segunda mais adquirida pelo Governo Federal no âmbito do PNLD de 2021. Diante do avanço das pautas neoconservadoras, sobretudo a partir das políticas antigênero este debate toma relevância no âmbito do Ensino da História. A pesquisa parte dos seguintes questionamentos: como o debate sobre gênero está inserido no livro didático? E como as mulheres estão representadas nas novas coleções didáticas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas surgidas diante da BNCC e do novo Ensino Médio? Partimos da hipótese de que, apesar dos intensos debates no âmbito historiográfico, as mulheres continuam sendo retratadas somente como participantes da história, não como objeto problematizado a partir da exclusão histórica ao qual foram submetidas. Como metodologia, optou-se pela utilização da Análise de Conteúdo a partir dos dados fornecidos pela

¹ Universidade Federal do Pampa – Unipampa. Jaguarão/RS, Brasil. <https://orcid.org/0009-0009-5509-6517>

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

ferramenta Voyant Tools, na qual as obras foram inseridas para análise. É possível concluir, a partir dos dados levantados, que a área de História pouco contribuiu com a contextualização da temática, mesmo diante do avanço da historiografia com relação aos objetos aqui estudados.

Palavras – chave: Ensino de História. PNLD 2021. Estudos de gênero.

**GENDER, WOMEN AND PATRIARCHY UNDER DISCUSSION:
AN ANALYSIS OF THE MODERNA PLUS TEACHING
COLLECTION AIMED AT HIGH SCHOOL**

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the insertion of the issues of gender, women and patriarchy in the new collection from publisher Moderna aimed at High School, for the area of Applied Human and Social Sciences, within the scope of history teaching. The Moderna Plus collection was chosen because it was the second most acquired by the Federal Government within the scope of the PNLD of 2021. Given the advancement of neoconservative agendas, especially from anti-gender policies, this debate becomes relevant in the context of History Teaching. The research is based on the following questions: how is the debate about gender included in the textbook? And how are women represented in the new didactic collections of Applied Human and Social Sciences that emerged in front of the BNCC and the new High School? We start from the hypothesis that, despite intense debates in the historiographical sphere, women continue to be portrayed only as participants in history, not as an object problematized based on the historical exclusion to which they were subjected. As a methodology, we chose to use Content Analysis based on data provided by the Voyant Tools tool, in which the works were inserted for analysis. It is possible to conclude, based on the data collected, that the area of History contributed little to the contextualization of the theme, even given the advancement of historiography in relation to the objects studied here.

Keywords: History Teaching. PNLD 2021. Gender studies.

GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO DIDÁTICA *MODERNA PLUS* VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO

Introdução

Em 2018 foi lançada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) voltada para o Ensino Médio, cujo objetivo maior era unificar o currículo nacional para a educação básica. O documento já veio adaptado ao novo Ensino Médio, prevendo a formação dos estudantes através dos itinerários formativos. Nesse sentido, a História, enquanto disciplina, passa a compor o eixo Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), possibilitando ao aluno a escolha deste itinerário formativo. Estas mudanças levaram, em 2019, ao lançamento do edital de convocação para inscrição e avaliação das obras didáticas do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Médio, já com as novas diretrizes norteadoras incluídas.

Logo, o objetivo deste artigo é analisar a inserção da problemática de gênero, das mulheres e do patriarcado na nova coleção da editora Moderna voltada ao Ensino Médio. A escolha da coleção *Moderna Plus* (BRAICK et al., 2021), composta de seis volumes a serem trabalhados durante os três anos do Ensino Médio, ocorreu porque a coleção foi a segunda mais adquirida pelo governo federal no âmbito do PNLD de 2021, de acordo com os dados disponíveis no site do Programa. Diante do avanço das pautas neoconservadoras, sobretudo a partir das políticas antigênero (JUNQUEIRA, 2018), este debate toma ainda maior relevância no âmbito do Ensino da História.

Esta pesquisa parte dos seguintes questionamentos: como o debate sobre gênero está inserido no livro didático? E como as mulheres estão representadas nas novas coleções didáticas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas surgidas diante da BNCC e do novo Ensino Médio? Partimos da hipótese de que, apesar dos intensos debates no âmbito historiográfico, as mulheres continuam sendo retratadas somente como participantes da história, não como objeto problematizado a partir da exclusão histórica ao qual foram submetidas. A hipótese ampara-se em discussões efetivadas no âmbito do ensino da história e o gênero, conforme apontado por Muniz (2016), Scott (1995), Colling (2015), Marques e Albuquerque (2020).

Conforme aponta Colling (2015, p. 299) de forma provocativa, a história das mulheres e a história de gênero estão interligadas, porque só se concebe mulheres, enquanto

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

sujeitos sociais, se elas forem definidas em relação aos homens. Logo, para buscarmos as respostas aos questionamentos aqui propostos, iremos explorar os seis volumes da coleção *Moderna Plus – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas* (BRAICK et al., 2021) a partir da aplicação da metodologia de Análise de Conteúdo, com auxílio da ferramenta Voyant Tools, que possibilitou analisar quantitativamente e qualitativamente a problemática proposta através do levantamento de ocorrência de três palavras na coleção: mulheres, gênero e patriarcado. Com auxílio do software foi possível levantar o número de ocorrências, as correlações entre as palavras pesquisadas e o contexto de utilização das palavras. A partir dos dados levantados, foram elaborados alguns quadros de referência que serão também apresentados.

No campo da História, as questões de gênero e sexualidade ganharam relevância a partir da reformulação do olhar sobre a própria disciplina, impulsionada pela crise dos paradigmas clássicos. Esse processo abriu espaço para outras epistemologias e a incorporação de objetos historicamente marginalizados e silenciados. Tradicionalmente, a historiografia concentrou-se na narrativa dos homens na história (COLLING, 2015). Da mesma forma, no ensino de História, a abordagem dessas temáticas ainda ocorre de maneira limitada, apesar do potencial transformador da disciplina. Embora exista um número significativo de pesquisadores e pesquisadoras dedicados ao ensino de História, poucos têm aprofundado a relação entre a disciplina, o gênero e a sexualidade. Assim, reconhecemos que essa questão exige ainda uma construção mais sólida de conhecimento.

Partimos do pressuposto que o gênero é uma categoria complexa, cuja força está no entendimento de que as relações de poder estão relacionadas à construção discursiva desta categoria (BUTLER, 2018; SCOTT, 1990). Para além, compreendemos o gênero também e sua relação de interseccionalidade com as categorias de raça e classe, sem as quais, a discussão corre o risco de não contemplar as demandas dos variados sujeitos (HILL COLLINS, 2015; MARIA LUGONES, 2020).

Logo, tratar das relações de gênero e de uma história das mulheres em sala de aula, no âmbito do ensino da história, é também desenvolver um olhar crítico sobre a própria disciplina e buscar, com isso, parâmetros pedagógicos e epistemológicos que auxiliem a construção da prática docente. A pesquisa desta temática a partir do livro didático é

GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO

justificada pela compreensão da importância deste material, que mobiliza, a cada edital do PNLD, um investimento bilionário por parte do governo federal, cujo objetivo é prover a educação básica de um material de qualidade e gratuito (BARROS, GARCIA, 2023). Para além, apesar das diferentes linguagens disponíveis para uso em sala de aula, o livro didático ainda é uma ferramenta essencial de trabalho (MONTEIRO, 2007; CAVALCANTI, 2018; BITTENCOURT, 2008).

O livro didático e o gênero

A história da educação moderna está, invariavelmente, ligada ao livro didático. Ao pensarmos nas ferramentas que mediam o processo educativo, o livro didático surge como grande personagem e mobiliza um universo de opiniões, consensos e polêmicas sobre sua natureza. Abordar o livro didático requer compreendê-lo em sua historicidade. Também é necessário nos questionarmos sobre sua função diante das diferentes linguagens e metodologias de ensino. No campo do ensino da História, muitos autores concordam que o livro didático é a ferramenta mais importante (BITTENCOURT, 2008; MONTEIRO, 2007; CAVALCANTI, 2016; CHOPIN, 2002; CAIMI, 2017). Compreendemos o livro didático como mediador do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitador da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina.

Ao longo da história da educação, os livros didáticos sempre foram uma preocupação estatal e sempre foram avaliados segundo critérios do período histórico em que estão inseridos. Como aponta Bittencourt (2008), os livros didáticos são um tema polêmico. As críticas também apontam para as suas deficiências de conteúdo, suas lacunas, erros conceituais ou informativos (CHOPIN, 2002). O livro, como qualquer material desta natureza, possui vantagens e desvantagens e é nesse sentido que precisa ser avaliado. Torna-se, portanto, necessário entendê-lo em todas as suas dimensões e complexidades.

GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO

Com o processo de redemocratização, a história acadêmica passou a questionar com mais ênfase o processo de produção dos livros didáticos e, por algum período, houve a sugestão de que os professores não mais trabalhassem com este material, entendido como um reprodutor de desigualdades e hierarquias sociais (MONTEIRO, 2018). O movimento de renovação no âmbito da historiografia acadêmica, a partir da inserção da história cultural, também atingiu os livros didáticos, que passam a ter uma linguagem e uma didatização mais polifônica a partir dos anos 1990.

O livro didático deixou de ocupar uma posição de monopólio na transmissão do conhecimento sobre o passado, passando a ser compreendido como um recurso auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da História. Nesse contexto, seu papel deve ser o de instrumento que possibilita ao professor trabalhar com os alunos a produção do conhecimento histórico, promovendo uma abordagem crítica e reflexiva (ROCHA, 2017). Como aponta Cerri (2011), o aluno possui uma consciência histórica que, articulada ao trabalho do professor, influencia diretamente a prática docente. Considerando que um dos principais objetivos do ensino de História é o desenvolvimento da habilidade crítica (RÜSEN, 2016) e da capacidade de pensar historicamente (CERRI, 2011), a escolha do material didático, bem como das metodologias de aprendizagem, desempenha um papel essencial na formação do pensamento histórico dos estudantes.

Assim, entra em cena o Programa Nacional do Livro didático (PNLD), instituído em 1985, para aquisição de livros a serem distribuídos nas escolas da rede pública brasileira. O programa passa por diversas reformulações e se insere no compromisso do Estado com a inclusão, a cidadania e a justiça social (CAIMI, 2017). É um esforço para oportunizar que todos os alunos que frequentam a escola pública brasileira tenham o aporte de livros didáticos na totalidade das disciplinas escolares.

A partir da mudança efetuada com a reforma do Ensino Médio e a BNCC, o próprio PNLD também se transformou, ao prever uma única obra de caráter interdisciplinar para atender ao eixo formativo de CHSA. Lançado em 2019, o edital indica que as obras devem ser distribuídas em seis volumes, com no máximo 160 páginas cada e devem ser autocontidas e não sequencias, isto é, entendidas enquanto obras únicas que possam ser trabalhadas de

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

forma independente, embora estejam dentro de uma coleção (BRASIL, 2019, p. 5). O edital prevê também a necessidade de uma divisão equânime das disciplinas em cada volume.

Importante assinalar que o edital aborda a temática de gênero em somente uma oportunidade, quando se refere aos critérios eliminatórios comuns de uma obra didática. O edital afirma que a obra deve estar livre de estereótipos ou preconceitos “(...) de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, de deficiência, religioso, assim como de qualquer outra forma de discriminação, violência ou violação de direitos humanos” (BRASIL, 2019, p. 50). Um pouco mais abaixo, o edital aborda a temática das mulheres, afirmando que é necessário que as obras promovam “positivamente a imagem da mulher (...) ao longo da obra (...) com especial atenção para o compromisso educacional com a agenda da não-violência contra a mulher” (BRASIL, 2019, P. 50). A inserção de ambas as temáticas é tímida e está inserida na política antigênero encetada por grupos religiosos e políticos que tem exercido forte influência na política nacional nos últimos anos, sobretudo na educação (Lima e Hypolito, 2019; Junqueira, 2018).

A título de curiosidade, cabe mencionar que o edital do PNLD de 2018 – publicado em 2015 - voltado ao ensino médio, destacava enquanto princípios e critérios para avaliação das obras a necessidade de promoção da imagem positiva da mulher, a abordagem da temática de gênero, visando à construção de uma sociedade não-sexista, justa e igualitária, inclusive no que diz respeito ao combate à homo e transfobia, além da promoção da não violência, dos direitos humanos e da valorização da diversidade (BRASIL, 2015, p. 32). Para além, o edital previa ainda que todas as obras (em todas as disciplinas) deveriam ser isentas de preconceitos de gênero e orientação sexual, além de inserir a discussão sobre gênero também no âmbito da biologia, acentuando a necessidade de dos professores discutirem criticamente como a biologia favoreceu processos de exclusão e discriminação racial, sexual e de gênero. (BRASIL, 2015, p. 52). Ou seja, se compararmos os documentos, a discrepância com relação à temática de gênero é absurda.

A política antigênero tem relação com o avanço dos grupos neoconservadores que tem tomado conta da política nacional, ao menos, desde 2010 (MIGUEL, 2016). No campo da educação, é possível perceber a atuação destes grupos no Movimento Escola sem Partido e no Movimento pela Base, que articulou importantes ações no âmbito de discussão da

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

BNCC (ROSA, 2018). Estes grupos políticos englobados na definição de neoconservadores têm, como característica principal, a união de pautas em torno de temáticas comuns ao discurso conservador, sobretudo com relação às pautas de costumes.

As políticas antigênero estão inseridas em um contexto mundial de crescimento de grupos de pressão, notadamente ligados ao catolicismo radical e ao neopentecostalismo, que tem conduzido uma ofensiva reacionária e fundamentalista em torno de uma agenda política transnacional regressiva, voltada a anular os avanços com relação a gênero, sexo e sexualidade (JUNQUEIRA, 2018). Estes grupos pregam o modelo da família tradicional como ideal, identificam gênero somente como aspecto biológico e não aceitam a diversidade sexual notadamente ligada ao crescimento dos movimentos LGBTQIA+. Em relação à educação, a pauta é extensa e envolve a primazia da família sobre a educação de crianças e adolescentes, restrição ao acesso de informações sobre saúde sexual e insistência de que a escola não deve tratar de nenhuma pauta relacionada à gênero. Como assinala Junqueira (2018) a expressão “ideologia de gênero” foi cunhada a partir de movimentos católicos radicais que investiram na mobilização da ordem moral e do reestabelecimento de uma visão de mundo tradicional. Ao ganhar a arena pública, o movimento ganhou adesão de muitos outros grupos políticos e religiosos (JUNQUEIRA, 2018).

O reflexo pode ser percebido no texto do Plano Nacional de Educação (2014) que não cita a questão de gênero e de orientação sexual quando se refere as diretrizes de promoção de cidadania e erradicação de discriminação. Na versão de 2014-2024 do PNE, a palavra "gênero" foi explicitamente retirada de algumas metas em relação ao que foi estabelecido na versão anterior do PNE, de 2011. Nesse sentido, a questão de gênero deu ao movimento Escola sem Partido uma ressonância popular imediata, facilitada pelos propagandistas da extrema direita, como Olavo de Carvalho, que entende a dissolução da moral sexual convencional como uma estratégia comunista (MIGUEL, 2016, P. 601).

Da mesma forma, os termos ‘orientação sexual’ e ‘gênero’ foram alijados do documento final da Base Nacional Comum Curricular (2017). Embora o documento dê ênfase a uma série de necessidades e interesses dos estudantes, de modo que suas singularidades sejam consideradas, a sexualidade ficou articulada somente à dimensão da saúde. Girotto (2019) alerta sobre a descontinuidade entre as perspectivas dos Parâmetros

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

Curriculares Nacionais e das Diretrizes Curriculares Nacionais em relação à BNCC. O autor também pontua que o documento marca a concepção de educação e difusão de um projeto relacionado à emergência do neoliberalismo e de seus condicionantes econômicos. A influência do neoliberalismo na educação tem sido amplamente discutida (GIROTTI, 2019; LIBÂNEO, 2012; ROSA, 2018) E, também, sua associação com os movimentos conservadores e a instituição de currículos unificados frente ao crescimento das demandas urgentes das minorias sexuais, das mulheres e da população negra (APPLE, 2008).

Na história, a discussão sobre gênero remonta às mudanças efetuadas no interior da própria disciplina, a partir do movimento feminista e dos novos objetos que foram contemplados pela historiografia, questionando a existência de uma história voltada para a valorização e a historicidade dos homens. Mas, mesmo com o crescimento de uma história das mulheres, Scott (1995) compreende que o gênero deve ser posto como categoria de análise dentro dos estudos históricos. Segundo a autora, o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Logo, o gênero é uma construção discursiva, cujo objetivo maior é significar e manter as relações de poder desiguais entre homens e mulheres (SCOTT, 1995, p. 86). Para tanto, essa criação discursiva parte de ideias pré-concebidas de binarismo sexual e da heterossexualidade como padrão das relações sexuais, condicionando um discurso que associa determinados padrões comportamentais a homens e mulheres. Como aponta Judith Butler (2018, p. 51), outras formas de identidade não podem existir nesse sistema binário. Os regimes de poder produzem os conceitos de identidade sexual e conduzem as práticas discursivas que colocam a heterossexualidade como compulsória.

As implicações deste discurso são visíveis: constitui-se uma sociedade baseada em padrões de gênero que condicionam comportamentos e tomam como natural a relação desigual entre homens e mulheres. E mais: a insistência no binarismo sexual e na heterossexualidade como padrão, elimina outros sujeitos, suprimindo a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual (FOUCAULT, 1988). o discurso do binarismo e da heterossexualidade compulsória na definição de um gênero masculino e um feminino é um discurso complexo permeado de ficções que tem sido

GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO DIDÁTICA *MODERNA PLUS* VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO

construída, no mundo ocidental, desde o século XIX, a partir da Europa. A ficção discursiva do gênero é poderosa, pois se baseou em conceitos biológicos, médicos, pedagógicos e religiosos discursivos para utilizá-los enquanto estruturas de poder e coerção (BUTLER, 2018, p.53). Nesse sentido, a própria linguagem de matriz europeia introduz o binarismo gramatical, ausente em muitas línguas dos povos africanos e, também, dos povos indígenas americanos (OYEWÙMÍ, 2020).

Essa produção do sexo como um elemento pré-discursivo deve ser compreendida como um efeito dos mecanismos culturais que o constroem, ou seja, do que convencionamos chamar de gênero. Butler (2018, p. 21) levanta essa questão ao problematizar, por exemplo, a homossexualidade dentro da lógica binária que estrutura a relação entre sexo e gênero. A hipótese de um sistema binário de gêneros pressupõe implicitamente uma relação mimética entre gênero e sexo, em que o primeiro refletiria o segundo ou estaria por ele restrito.

Sfenner (2014) entende a importância de tratar o gênero não como uma categoria de análise isolada, mas como parte de um campo de relações de poder e identidades em constante construção. O ensino de História deve incorporar a questão de gênero de forma a questionar as narrativas dominantes e visibilizar as experiências históricas de mulheres, grupos LGBTQIA+ e outros sujeitos marginalizados pela história tradicional. Partiremos agora para análise da coleção, a fim de buscar atingir o objetivo explicitado no início deste artigo.

Analisando a coleção

A coleção *Moderna Plus* (BRAICK et al., 2021) para a área de CHSA da editora Moderna LTDA foi selecionada pelo PNLD de 2021 e, a partir de 2022, passou a ser distribuída nas escolas de todo país, a partir dos pedidos efetuados pelos professores e cancelados pelas escolas. A coleção totalizou quase dois milhões de exemplares distribuídos entre seus seis volumes, conforme apresenta a Tabela 1. Foi a segunda maior coleção adquirida pelo PNLD para o Ensino Médio, de acordo com levantamento efetuado

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação². Portanto, nossa pesquisa irá se concentrar nos seis volumes desta coleção. Os livros estão disponíveis no website da própria editora e podem ser baixados para visualização e pesquisa.³

Tabela 1: quantidade de livros adquiridos

Coleção	Editora	Volume	Tiragem adquirida
Moderna Plus	Editora Moderna LTDA Moderna Editora LTDA	Natureza em transformação	391.523
Moderna Plus	Editora Moderna LTDA	Globalização, emancipação e cidadania	378.312
Moderna Plus	Editora Moderna LTDA	Trabalho, ciência e tecnologia	330.650
Moderna Plus	Editora Moderna LTDA	Poder e política	312.253
Moderna Plus	Editora Moderna LTDA	Sociedade, política e cultura	290.564
Moderna Plus	Editora Moderna LTDA	Conflitos e desigualdades	284.853
TOTAL			1.988.151

Fonte: Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação, Ministério da Educação (MEC), 2023.

Ao observar os números de cada volume, percebe-se uma discrepância na quantidade de livros adquiridos da mesma coleção. Em alguns casos, os editais do PNLD permitem a inscrição de volumes individuais ou de coleções completas, dependendo das especificações estabelecidas. Essa flexibilidade tem como objetivo atender às demandas específicas das escolas e dos professores, possibilitando a escolha de materiais que melhor se adequem ao

² Os dados podem ser acessados de acordo com os filtros estabelecidos pelo pesquisador em <https://dados.gov.br/dados/conjuntos-dados/programa-nacional-do-livro-e-do-material-didatico-pnld>

³ <https://pnld.moderna.com.br/ensino-medio/obras-didaticas/area-de-conhecimento/ciencias-humanas-e-sociais/moderna-plus>

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

projeto pedagógico de cada instituição. Para além, o próprio PNLD 2021 prevê que as coleções sejam autocontidas e não sequencias (BRASIL, 2019, p. 5).

Visto que a coleção integra as disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia, há um total de 23 autores diferentes que contribuíram para a escrita dos volumes. A área que mais concentra autores é a sociologia, com 12 autores, seguida da geografia, com 3 autores e a história e a filosofia com dois autores cada uma. Quatro autores não informaram sua área de atuação no âmbito da educação, porém, todos são formados em ciências sociais em nível de graduação ou pós-graduação. Em questão de gênero, 11 autores são mulheres. É correto afirmar, portanto, que há predominância da sociologia entre os autores que produziram a obra.

A problemática foi apontada por Bodart, Esteves e Tavares (2021), que examinaram o perfil dos autores dos livros didáticos selecionados pelo PNLD 2021 para a área de CHSA. Os autores demonstram que, no âmbito do gênero, as editoras mantiveram, em média, uma proporção similar àquela encontrada na docência da educação superior, onde 53,23% são homens, enquanto 46,77% são mulheres, reproduzindo a desigualdade tradicional da área (BODART, ESTEVES E TAVARES, 2021, p. 95). No caso da coleção *Moderna Plus* é apontada a falta de equidade dos autores envolvidos na formulação da obra, dando destaque a majoritária formação em Ciências Sociais. É possível nos questionarmos com relação ao objetivo inicial da pesquisa aqui encetada em relação a estes dados: há, por conta da falta de equidade, uma abordagem mais sociológica dos termos aqui escolhidos em detrimento de uma abordagem histórica?

Para operacionalizar esta pesquisa foi escolhido como método a Análise de Conteúdo. Este método de categorização e análise permite um olhar abrangente sobre o objeto de pesquisa sem, no entanto, reduzi-lo. O objetivo principal desta análise é configurar-se como método de organização e categorização de fontes, em busca de um olhar que seja global e específico ao mesmo tempo (BARDIN, 2005).

Compreende-se, portanto, como uma técnica de análise da linguagem verbal. O estudo da linguagem está estritamente ligado às ciências humanas, e é, em geral, de caráter subjetivo e interpretativo. A análise de conteúdo tem por objeto, portanto, todo texto escrito que possua sentido (BARDIN, 2005). Assim, todo o tipo de técnicas que procuram

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

sistematizar e explicar o sentido de mensagens comunicativas pode ser considerado como Análise de Conteúdo. De fato, a autora esclarece que “não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo (...) a técnica adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem que ser reinventada a cada momento” (Bardin, 2005, p. 326). Ou seja, o método é adaptável à problemática de cada pesquisador, e, nesse sentido, complementar a outras formas de exploração teórica ou empírica do material.

Para auxílio no levantamento dos dados, foi utilizada a ferramenta Voyant Tools, uma plataforma online de análise textual gratuita e de código aberto, amplamente utilizada para a exploração e visualização de textos. Ele permite que usuários façam análises quantitativas e qualitativas de corpos textuais, identificando padrões, recorrências e relações entre palavras. A ferramenta pode ser associada ao entendimento contemporâneo com relação ao uso de métodos computacionais e digitais ao estudo das ciências humanas, entendido enquanto humanidades digitais. O campo pode ser definido como interdisciplinar a partir da aplicação de ferramentas e abordagens computacionais para a pesquisa em disciplinas tradicionais das humanidades, como história, literatura, filosofia, linguística e ciências sociais (DA GUIA et al., 2021).

O acesso a ferramenta se dá em seu próprio site onde é possível inserir os textos para análise.⁴ Após carregar o texto, a interface do Voyant Tools exibe cinco painéis principais, com funcionalidades específicas. É possível ver quais as palavras mais frequentes de todo texto, acessar o número total de palavras e destacar a frequência de termos específicos de acordo com a pesquisa a ser realizada. A ferramenta ainda exibe o contexto em que as palavras aparecem. Para otimizar os dados, é possível remover palavras irrelevantes, selecionar palavras-chave e filtrar termos específicos.

Assim, foram eleitas três palavras para compor esta pesquisa, cujo objeto era analisar a inserção da problemática de gênero e das mulheres na coleção didática aqui apresentada para o ensino médio. Portanto, as palavras escolhidas para análise de frequência foram *mulheres*, *gênero* e *patriarcado*. A escolha destas palavras tem um sentido integrador: na literatura do feminismo dificilmente estas palavras se encontram de forma solitária, pois

⁴ A ferramenta pode ser acessada a partir do endereço <https://voyant-tools.org/>

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

acarretam problemas de análise quando dissociadas de seus contextos. Para Scott (1995), colocar somente a categoria *mulher* na história é um problema, que não permite compreender as relações de gênero como relações de poder, tampouco, reconhecer as múltiplas especificidades nos modos de existência. Os feminismos questionaram as categorias dicotômicas e biologizantes, frequentemente apresentadas como neutras e universais, desafiando sua capacidade de explicar a história das relações sociais marcadas pelo patriarcado, pelo sexismo e pelo racismo estrutural. Colling (2015) entende que a história das mulheres e a história do gênero estão interligadas, porque as mulheres só existem, enquanto sujeitos, quando definidas em relação aos homens. Falar em gênero é entender que homens e mulheres, enquanto sujeitos distintos e com papéis distintos, derivam de uma construção social que não é determinada por nenhum fator biológico, e sim por uma construção simbólica. As sociedades – sobretudo derivadas do colonialismo europeu – efetuam um esforço interminável para dar sentido e manter esta diferença.

Por sua vez, o patriarcado ganhou destaque no campo dos estudos feministas e sua abordagem conceitual busca explicar a condição feminina nas sociedades a partir da dominação masculina. Há muitas abordagens divergentes com relação ao conceito, mas aqui damos ênfase ao entendimento expressado por Lia Zanotta Machado (2000) e, também, por Heleieth Saffioti (1987). Machado (2000) entende o patriarcado como um sistema de dominação e exploração das mulheres, historicamente situado e caracterizado por relações de poder que perpetuam a desigualdade de gênero. O conceito de patriarcado deve ser compreendido em sua forma substantiva, reconhecendo-o como uma estrutura dinâmica que se manifesta de maneiras diversas ao longo do tempo e das culturas. Assim, há a necessidade de uma análise que considere as transformações contemporâneas nas relações de gênero ao longo do tempo e nos variados grupos sociais. Logo, o conceito não deve ser entendido como fixo e imutável, e sim a partir de uma perspectiva contemporânea, adequado às complexas e dinâmicas relações sociais atuais.

Para Saffioti (2015), o patriarcado é um sistema estruturante das relações sociais, no qual a dominação masculina se articula com outras formas de opressão, como a classe e a raça, configurando um modelo de poder que perpetua desigualdades. Logo, o patriarcado não opera isoladamente, mas em intersecção com o modo de produção capitalista, criando

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

um regime de exploração que subordina as mulheres tanto no âmbito privado quanto no público. Essa perspectiva dialética permite compreender o patriarcado como um fenômeno histórico e dinâmico, que se transforma e se ressignifica conforme as relações sociais e econômicas se desenvolvem. Assim, a escolha destas palavras para nossa análise se justifica a partir de sua relevância para os estudos feministas e de gênero, agregando uma perspectiva própria a nossa análise.

Conforme aponta Rovai e Medeiros (2021) a educação histórica deve promover a consciência ao incluir a problematização das relações de gênero presentes em cada conteúdo curricular, seja ele formal ou oculto. É fundamental abordar o patriarcado, o sexismo aliado ao racismo e à LGBTfobia, especialmente à transfobia. Com relação às mulheres, é necessário reconhecer o seu processo histórico de exclusão, desconstruindo uma história factual que as insere somente como complemento do trabalho tradicionalmente efetuado por homens. Como aponta Colling (2015), as mulheres internalizam a naturalidade da discriminação e tem dificuldades de romper com esta imagem de desvalorização: logo, sua condição subordinada é naturalizada e a imagem retransmitida torna-se àquela criada pela própria cultura que a discrimina.

A tabela abaixo traz os dados levantados através da ferramenta Voyant Tools com relação à ocorrência das palavras aqui buscadas. Para gênero, levou-se em conta o contexto da palavra para defini-la como categoria social, visto que, em muitos textos da coleção, a palavra gênero também é utilizada como sinônimo de “tipo” (e.g., gêneros alimentícios) e, também, de classificação científica (e.g., gênero humano). Pela tabela é possível inferir algumas questões: a ocorrência de *mulheres* é superior em todos os volumes à ocorrência das outras palavras *gênero* e *patriarcado/patriarcal*; o volume 3 e o volume 6 são as obras que abordam com maior ênfase a questão da participação das mulheres na história e a problematização da questão de gênero. O que parece contribuir para este resultado são as temáticas abordadas nesses respectivos volumes: o contexto do mundo do trabalho e os conflitos e desigualdades da atualidade, esta última sendo a temática do volume 6. Ambos os volumes abordam o contexto histórico a partir dos processos constitutivos da modernidade e da consolidação do capitalismo. Logo, é possível inferir que é a relação de

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

proximidade temporal que contribui para a inserção das temáticas aqui exploradas nestes volumes, já que é quase impossível fugir deste debate na contemporaneidade.

Tabela 2: ocorrência geral de palavras nos volumes da coleção *Moderna Plus*

	Volume 1	Volume 2	Volume 3	Volume 4	Volume 5	Volume 6
MULHERES (total)	15	45	78	55	50	93
GÊNERO (categoria social)	2	13	26	5	7	27
PATRIARCAL/ PATRIARCADO	4	3	1	4	1	0

Fonte: a autora (2025)

Entre os volumes, o de menor ocorrência das palavras aqui destacadas é o primeiro volume, cujo título é “*Natureza em Transformação*” e se dedica a abordar a relação entre o ser humano e a natureza, com suas interferências e transformações ao longo da história. Assim, parte da origem de espécie humana, passando pelas civilizações da antiguidade e se consolida na análise de diferentes temporalidades relacionadas aos processos naturais, dando ênfase à emergência do Antropoceno e a crise ambiental da sociedade na atualidade. Entre os objetivos que a obra busca concretizar, não há nenhum ligado à promoção da igualdade de gênero ou a inserção desta problematização. Ao abordar a origem da espécie humana, a obra poderia já trazer uma interessante discussão sobre a abordagem de gênero na antiguidade. Nesse sentido, acaba trazendo uma análise genérica onde aborda os papéis sociais de homens e mulheres nas sociedades indígenas tradicionais e, também, nas sociedades antigas europeias e asiáticas, sem problematização, no entanto. Há uma referência sobre a possibilidade de mulheres ocuparem a posição de Faraó no Egito antigo, mas não há nenhuma outra informação sobre o assunto à disposição, sequer uma sugestão de pesquisa (BRAICK et al., 2021a, p. 37).

Ao se referir, por exemplo, ao processo de urbanização e as primeiras cidades da antiguidade, os autores remetem-se a cidade de Caral, no Peru, de cerca de 5 mil anos (BRAICK et al., 2021a, p. 25). O texto indica que as pesquisas apontam para uma sociedade menos patriarcal, visto que as mulheres são representadas em diversas atividades. No

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

entanto, o texto não problematiza ou não traz maiores informações sobre o que seria considerado uma sociedade “menos patriarcal”. Ora, se há intuito de aprendizado, poderia haver um box informativo com maiores detalhes sobre o conceito. A palavra *patriarcal* é citada somente uma vez, embora a palavra *patriarca* seja citada três vezes e seja definida enquanto homem “(...) escolhido entre os mais valentes e sábios chefes” (BRAICK et al., 2021a, p. 15). O conceito de patriarcalismo só será abordado no volume 4 da coleção, que trata sobre “poder e política”. O conceito é definido como uma relação de poder que expressa a preponderância do homem na organização social (BRAICK et al., 2021d, p. 38). O conceito foi definido em um contexto de discussão da teoria de Max Weber, em uma unidade a ser trabalhada pela sociologia. Portanto, o conceito não está exatamente no âmbito da discussão histórica.

Há, nesse sentido, uma implicação: tendo sua definição dentro da teoria weberiana, o conceito esbarra em um entendimento atemporal e ideal, ou seja: pode ser usado em diversos momentos históricos sempre que haja algum tipo de dominação exercida por um patriarca em contexto social, político e econômico. A generalização em Weber empobrece o conceito, já que ele não dá conta das transformações das relações de gênero do mundo moderno, conforme aponta Lia Zanotta Machado (2000, p. 3).

Uma hipótese a ser desenhada é que o não uso do conceito de patriarcalismo/patriarcado pode estar relacionado à falta de consenso teórico com relação aos termos no âmbito dos estudos feministas. Talvez isto explique, em parte, a tímida utilização do conceito pela coleção em seu todo. Mas, a falta de concordância conceitual da área não diminui a eficácia do termo, conforme aponta Heleieth Saffioti (1992, p. 194). Neste sentido, uma análise da bibliografia de toda a coleção poderia indicar alguma pista nesse sentido, que indicasse uma ou outra preferência teórica dos autores. Mas no âmbito da discussão de gênero são citadas Saffioti, Joan Scott, Judith Butler, Angela Davis e Leila González na bibliografia. Logo, esta hipótese não parece responder de todo a questão incitada pela falta de debate em torno do conceito de *patriarcado/patriarcalismo* pela coleção.

Os volumes de maior ocorrência da palavra *mulheres*, conforme a tabela 2, são os volumes 3 e 6, que também se destacam pela maior ocorrência da palavra *gênero*. Sobre o que tratam estes volumes? O terceiro volume tem como tema “trabalho, ciência e

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

tecnologia” e é focado na discussão sobre o mundo do trabalho e suas transformações, a partir de uma perspectiva histórica. Enquanto a história deve abordar a historicidade das relações de trabalho desde a antiguidade, a sociologia deve abordar o mundo do trabalho e as desigualdades sociais, sobretudo as desigualdades de gênero na atualidade (BRAICK et al., 2021c, p. 47). O texto enfatizado pelos autores traz dados que exemplificam como as mulheres recebem menos que os homens e como esta disparidade salarial gera, como consequência, uma maior vulnerabilidade das mulheres, associando a questão à violência de gênero. No entanto, o texto não aborda uma questão capital: como se originou a crença de que mulheres seriam inferiores aos homens e, por conta disso, deveriam ganhar menos? Embora o texto admita que há a percepção de uma construção social com relação a posição de superioridade/inferioridade entre os sexos, não é problematiza essa construção, mas somente as suas consequências, como a questão salarial.

Quando a pauta é a Revolução Industrial, há uma ênfase ao trabalho feminino e as relações desiguais de trabalho. (BRAICK et al., 2021b, p. 76). Nesse contexto, o papel das mulheres no movimento cartista e, posteriormente, no movimento sufragista é acentuado. Neste volume, insere-se de forma mais frequente as mulheres enquanto partícipes da história, sobretudo por conta do viés do trabalho, temática à qual o volume enfoca. No entanto, há a insistência de enfatizar sempre o papel de luta das mulheres em contextos de franca desigualdade.

Conforme aponta a Tabela 2, é o volume 6 que concentra a maior parte das ocorrências de *mulheres e gênero*. O volume aborda conflitos e desigualdades e no capítulo 3 dá ênfase aos indicadores sociais mundiais (BRAICK et al., 2021f, p. 65). O gênero surge enquanto indicador social, sobretudo a partir da apresentação do Índice de Desigualdade de Gênero, incluído a partir de 2010 como categoria no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). No capítulo 5, que trata sobre violência e direitos humanos, há referência ao trabalho de Angela Davis e duas de suas teses principais: o conceito de interseccionalidade e o abolicionismo penal. O texto apresenta como há o entrelaçamento das questões de gênero, classe e raça quando se aborda a questão das opressões. Não há, exatamente, um recorte que trabalhe estas questões do ponto de vista nacional, i.e., com exemplos da vida nacional (BRAICK et al., 2021f, p.102).

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

Com relação à ocorrência da palavra *mulheres*, no âmbito da história, é a participação feminina no contexto das grandes guerras mundiais que toma corpo (BRAICK et al., 2021f, p. 22). Em outro momento, no mesmo capítulo, há menção a participação das mulheres na Revolução Russa e no surgimento do 8 de março como dia internacional da mulher (BRAICK et al., 2021f, p. 27). Da mesma forma, o papel das mulheres é ressaltado no âmbito da Segunda Guerra Mundial, em um texto bastante similar ao da primeira guerra.

Há um dado decepcionante quando se analisa o Volume 5, com relação ao contexto de ocorrência da palavra *mulheres*. Nos capítulos reservados à história, o volume traz uma tímida inserção sobre o voto feminino no contexto varguista e as lutas posteriores para tornar as mulheres independentes da autorização de seus maridos, demanda atendida em 1962 (BRAICK et al., 2021e, p. 132). Não há qualquer problematização com relação a isso nem uma apresentação mais completa da discussão. Ou seja, em termos políticos – que é o objetivo abordado pelas unidades concedidas à história – as mulheres não existem entre a independência do Brasil e a redemocratização. Com exceção de uma nota explicativa sobre a personagem histórica de Maria Quitéria e uma foto de Almerinda Farias Gama, ativista política pelos direitos das mulheres, não há a apresentação de outra personagem feminina (BRAICK et al., 2021e, p. 111).

A Tabela 3 demonstra a totalidade de ocorrências da palavra *gênero* nos volumes da coleção didática e sua categorização, de forma mais específica que aquela apresentada na tabela 2. É possível inferir algumas questões, ao se contemplar esta tabela: em três volumes o gênero, enquanto categoria social é abordado de forma mais ampla, conforme já dito. Estes volumes trazem discussões no âmbito da cidadania, do mundo do trabalho e dos conflitos e desigualdades da atualidade. Ou seja, o gênero está sendo vinculado em sua relação com os direitos e a cidadania, e pouco enfocado no sentido histórico. Nos outros volumes *gênero* pouco aparece e, quando aparece, vem de forma mais tímida.

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

Tabela 3: categorização da ocorrência da palavra gênero.

GÊNERO	Volume 1	Volume 2	Volume 3	Volume 4	Volume 5	Volume 6
Categoria literária	0	1	0	0	3	0
Classificação Científica	21	0	0	0	0	2
Sinônimo de tipo	4	2	1	5	6	1
Categoria social	2	13	26	5	7	27
TOTAL	27	16	28	10	16	30

FONTE: a autora, 2025.

É no volume 4 que encontramos uma das menores ocorrências da palavra gênero em seu contexto social. O dado evidencia uma contradição: é neste volume que há a definição de patriarcalismo (conforme analisado anteriormente) e um esforço maior pela inserção de mulheres na história. No entanto, gênero enquanto categoria social quase não é utilizado, mesmo levando-se em conta o recorte temático do volume, que é poder e política. Ora, há possibilidade melhor do que construir uma história problematizada e crítica a partir do enfoque de poder através das relações de gênero? É importante assinalar que a sexualidade não é um fenômeno natural, mas sim uma construção cultural moldada por disputas políticas. Essas disputas resultam na formulação de normas e regulamentações que não apenas reprimem, mas também produzem corpos e sexualidades (FOUCAULT, 1993, p. 244).

Com relação ao *gênero*, no volume 5 - cujo título é “Sociedade, política e cultura” – também há pouca ocorrência. Somente em 7 ocasiões a palavra é utilizada em seu sentido social. Em uma destas ocorrências, a ênfase é dada a perspectiva feminista com relação ao indivíduo e a sociedade, apresentando as pesquisas de Heleieth Saffioti e Leila Gonzalez, mas com pouca exploração teórica (BRAICK et al., 2021e, p. 39). O âmbito, novamente, é sociológico. Diante do exposto aqui, cabe perguntar: na coleção, o ensino da história está trabalhando com o gênero?

Para responder a esta questão, a coleta de dados com a ferramenta Voyant Tools permitiu a elaboração da Tabela 4. Nesta tabela podemos ver, com mais evidência, em quais capítulos existe a maior ocorrência da palavra gênero e a quais disciplinas estes capítulos

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

estão determinados, conforme o mapa conceitual disponibilizado pela editora, junto da coleção em seu site.

Tabela 4: capítulos e disciplinas que abordam gênero

GÊNERO ONDE É ABORDADO		Sociologia	Filosofia	História	Geografia
Volume 2	Capítulo 5				
	Capítulo 6				
Volume 3	Capítulo 2				
Volume 4	Capítulo 4				
Volume 5	Capítulo 2				
	Capítulo 3				
Volume 6	Capítulo 3				
	Capítulo 5				
	Capítulo 6				

FONTE: a autora (2025).

Pela tabela, é possível compreender que o gênero é objeto discutido preferencialmente pela sociologia, como tradicionalmente ocorre. No entanto, a História, enquanto disciplina e enquanto área de pesquisa, parece estar apartada dessa discussão tão importante. Só há uma inserção sobre problematização de gênero no que concerne ao ensino de história: no capítulo 4, do Volume 4, justamente aquele que apresentou as menores ocorrências para gênero. Ironicamente, é o volume que aborda poder e política. Ou seja, a história não está abordando a temática do gênero em seu conteúdo. Por quê?

No caso da coleção *Moderna Plus* a primazia da sociologia pode oferecer algum entendimento nesse sentido: 69,5% dos autores são graduados em ciências sociais, tornando a área gigantesca em detrimento das outras, conforme apontado no início desta análise. Bodart, Esteves e Tavares indicam que todos os autores da coleção *Moderna Plus* de Ciências Sociais figuram como autores da obra *Sociologia em Movimento* da mesma editora, aprovada no PNLD de 2018 (BODART, ESTEVES E TAVARES, 2021, p. 102). Diante deste dado, é possível que ambas as obras tenham características similares, visto que os autores são os mesmos. Ainda com relação aos autores, Bodart, Esteves e Tavares (2021, p. 107) indicam a hipótese de que o sucesso da obra *Sociologia em Movimento* — que teve quase 3

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

milhões de exemplares adquiridos pelo MEC em 2018 — pode explicar a grande quantidade de graduados em Ciências Sociais na obra *Moderna Plus*.

A partir desta questão, foi possível elaborar outra pergunta: quais disciplinas, então, abordam a inserção das mulheres? O levantamento do contexto das ocorrências indica que as mulheres estão, de forma geral, inseridas em todas as disciplinas. Ou seja, a ocorrência das mulheres é transversal em todas as disciplinas; enquanto o gênero tem primazia de discussão pela sociologia e uma abordagem mais voltada a questão dos direitos humanos. Nesse sentido, a obra responde bem ao quesito do PNLD que exige a promoção positiva da imagem da mulher e, sobretudo, com a agenda da não violência (BRASIL, 2019, p. 50).

De fato, a agenda da não-violência contra a mulher ganha corpo na coleção ao ser abordada em diversas ocasiões, notadamente no Volume 2 e no Volume 6, no que concerne a questão da violência e dos direitos humanos. Problematicar a violência enquanto um dos enfoques da questão de gênero é essencial. Mas como problematicar a questão sem apresentar um quadro histórico que contextualize a realidade? Ora, não há como compreender a violência contra a mulher sem levar em conta a complexa trama construída pelo patriarcado e pelo machismo, sobretudo, a partir do pensamento moderno europeu e as construções de gênero efetuadas pela modernidade europeia (LUGONES, 2021). Não há, ao longo da obra, nenhuma referência a essa complexa trama, aos discursos que foram criados e que servem de base para justificar a inferioridade da mulher e, por consequência, a violência pela qual é submetida.

Na totalidade, é possível avaliar a presença dos objetos *mulheres*, *gênero* e *patriarcado* na coleção *Moderna Plus* de forma negativa. Embora a coleção busque uma inserção das mulheres e da questão de gênero ao longo dos volumes aqui estudados, não há uma conexão séria entre as diferentes abordagens e temáticas trabalhadas em cada volume. Cabe ressaltar que, com relação ao gênero, não foram observadas construções históricas mais elaboradas que levem em consideração o aspecto de dominação que a categoria gênero impõe historicamente às mulheres, a partir da construção cultural e política. No entanto, é necessário também pontuar que a avaliação negativa de abordagem dos assuntos aqui trabalhados pode ser explicada — em parte, mas não somente — a partir de três variáveis principais, levantadas ao longo desta pesquisa: as mudanças no PNLD de 2021, com relação

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

ao gênero; a falta de equidade na formação dos autores, com predominância das ciências sociais; e a adoção de volumes interdisciplinares - por conta do Novo Ensino Médio - que parece trabalhar com uma menor complexidade os assuntos abordados.

Nesse sentido, não há como ignorar o impacto das mudanças ocorridas no âmbito do PNLD de 2021. A pouca ênfase que o edital concede as questões de gênero pode explicar a forma fragmentada com que o assunto é tratado pela coleção, assim como a falta de um maior aprofundamento teórico. A título de curiosidade, a obra *Sociologia em Movimento*, já aqui citada e considerada um sucesso editorial, possuía, no âmbito do PNLD de 2018, um capítulo inteiro dedicado a gêneros, sexualidades e identidades, trazendo uma análise bastante aprofundada de vários conceitos como interseccionalidade, patriarcado e o próprio conceito de gênero. Em uma rápida análise é possível identificar que alguns textos utilizados na coleção *Moderna Plus* têm bastante similaridade com os textos da obra *Sociologia em Movimento*, sobretudo com relação ao gênero. Embora a comparação não seja o objetivo da nossa pesquisa, parece ficar evidente as mudanças ocorridas no âmbito textual da coleção, por influência do edital do PNLD, do Novo Ensino Médio e da própria BNCC. Conforme aponta Bodart, Esteves e Tavares (2021, p. 108), o estado tem grande capacidade de interferir nas conformações das obras.

É importante assinalar como a inserção do gênero como temática está também atrelada aos direitos humanos, pois demonstra a atualidade do debate, sobretudo diante do contexto associado ao neoconservadorismo e a nova direita que, no Brasil, tem buscado apartar este debate do âmbito público. É necessário lembrar que a plena aplicabilidade dos direitos humanos está dependente das políticas conservadoras da nova direita, que questionam sua viabilidade e não aceitam a premissa da universalidade dos direitos humanos. Os movimentos conservadores insistem na permanência da tradição, ancorada em valores entendidos enquanto “tradicionais”, assumindo uma identidade nacionalista e patriótica. (CEPEDA, 2018; JUNQUEIRA, 2018).

No entanto, as questões aqui elencadas não dão conta de explicar o absoluto silêncio da história no que tange a abordagem das relações de gênero no âmbito de sua historicidade, além de estruturar de forma mais natural o papel das mulheres na história. Ora, as mulheres foram abordadas de forma pontual nos capítulos dedicados à história e, em alguns casos,

GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO DIDÁTICA *MODERNA PLUS* VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO

sequer foram citadas - como no capítulo que aborda a história política do Brasil, no volume 5. Para além de serem incorporadas na obra didática, os processos de exclusão precisam ficar evidenciados, para que as mulheres não se tornem apenas um apêndice do trabalho efetuado pelos homens (SCOTT, 1995; COLLING, 2015; ROVAI E MEDEIROS, 2021; MUNIZ, 2016).

Conclusão

Em vista da proximidade do próximo PNLD para o ensino médio, cujo edital já está disponível, para o intervalo 2026-2029, acentua-se a necessidade desta pesquisa afim de se conduzir estudos comparativos posteriores com a nova proposta, notadamente mais alinhada com uma perspectiva mais positiva de gênero do que seu antecessor, aqui analisado através da coleção *Moderna Plus*. Diante do avanço das políticas antigênero, torna-se cada vez mais necessária a discussão da temática de gênero e da história das mulheres, cujo âmbito de problematização deve estar acompanhado de uma percepção crítica sobre a construção dessas categorias e seus impactos, sobretudo, no que tange às desigualdades de gênero notadamente registradas em todos os aspectos do âmbito social. Ressalta-se como no ensino da história estas temáticas ganham um contorno mais importante, a partir da constatação de que a história foi e continua sendo, majoritariamente, uma história de homens.

Buscamos destacar, através desta pesquisa, como a temática foi inserida de forma tímida e, muitas vezes, descontextualizada no decorrer da coleção aqui analisada. Partimos da hipótese de que, apesar dos intensos debates no âmbito historiográfico, as mulheres continuam sendo retratadas somente como participantes da história, mas não a partir do reconhecimento do processo histórico de exclusão ao qual as mulheres foram submetidas ao longo da história. Para tanto, elegemos um conjunto de palavras que tendem a se relacionar para conduzir nossa análise. De fato, nossa pesquisa parece confirmar esta hipótese, visto que na maior parte da coleção as mulheres parecem ser um apêndice no contexto do ensino da história. Tal posição é corroborada pela pesquisa em ensino de história, que frequentemente tem apontado esse dado (BARROS, 2018; SANTOS, MALDONADO e PERIPOLLI, 2022; MARQUES E ALBUQUERQUE, 2020).

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

Por outro lado, nossa pesquisa também demonstrou a predominância da sociologia enquanto área que discute com mais insistência a questão de gênero, assim como do patriarcado. Este dado nos levou a questionar por que o gênero foi alijado da discussão histórica e demandado preferencialmente pela sociologia. Para além da natureza sociológica do debate, apontamos como indicativo desta tendência o desequilíbrio entre os autores e suas respectivas áreas na coleção. A área de ciências sociais quase monopolizou a produção da obra, o que pode ser entendido enquanto uma decisão da editora, em face de seus interesses.

Esta pesquisa indicou também que, com relação a abordagem de gênero, há um conjunto de variáveis que são relevantes para a análise, a saber: as mudanças no PNLD de 2021, com relação ao gênero; a falta de equidade na formação dos autores, com predominância das ciências sociais; e a adoção de volumes interdisciplinares - por conta do Novo Ensino Médio - que parece trabalhar com menor complexidade os assuntos abordados. Estas variáveis atuam, de forma conjunta, no resultado da obra. Com relação ao PNLD e seus editais, são amplamente discutidas as relações no âmbito político das propostas antigênero, que tem sido pauta forte dos movimentos neoconservadores ligados à nova direita. Logo, a crítica pela crítica é inútil, visto que as coleções são balizadas por decisões tomadas tanto no âmbito político quanto no âmbito da própria editora. Porém, buscamos aqui apresentar alguns caminhos possíveis para uma inserção mais positiva desta temática no âmbito do livro, considerando este como importante ferramenta de trabalho do professor em sala de aula.

Há que se lembrar também que o PNLD 2021, pouca questão fez de dar ênfase ao gênero, inserindo apenas a necessidade de os livros didáticos não expressarem preconceitos de nenhuma natureza, incluído aí o gênero. Mas não esboçou, com clareza, a necessidade de se trabalhar o conceito de gênero da forma como estava no PNLD de 2015, discutido na seção anterior. Ou seja, mesmo diante do avanço conservador nas políticas públicas educacionais, ainda há uma discussão bastante interessante no livro didático que dá uma margem significativa de trabalho para o professor em sala de aula. Logo, insistir nesta temática, indica um nível de comprometimento dos autores com a atualidade e a necessidade da discussão com relação ao gênero e às mulheres, para além do especificado no PNLD.

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

Assim, parece-nos importante que a história busque discutir a temática e propor soluções, visto que a disciplina se encontra em crise, sobretudo a partir das discussões no âmbito dos movimentos da Escola sem Partido e da ideologia de gênero, que voltaram suas atenções para as ciências humanas. Para além, notadamente o ensino da história enfrenta hoje desafios que precisam ser encarados, como a redução de carga horária da disciplina na educação básica e a alta taxa de evasão nos cursos de licenciatura oferecidos em todo o país (AZEVEDO, 2019). Cabe a nós, historiadores, mais do que nunca nos aliarmos a fim de combater as discrepâncias da área, contribuindo para debates e ações mais tangíveis no que concerne ao ensino da história e as questões relacionadas ao gênero e a sexualidade.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. Repensando ideologia e currículo. In: MOREIRA, Antônio Flavio; SILVA, Tomaz T. *Currículo, Cultura e Sociedade*. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 49-69.
- AZEVEDO, Alexandre Ramos de. A evasão nos cursos de licenciatura: onde está o desafio? *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*, n. 3, p. 165-192, 2019. Disponível em: <https://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/3995>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- BRAICK, Pêrsio dos Reis; et al. *Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Volume 1: Natureza em transformação*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2021a.
- BRAICK, Pêrsio dos Reis; et al. *Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Volume 2: Conflitos e desigualdades*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2021b.
- BRAICK, Pêrsio dos Reis; et al. *Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Volume 3: Cultura e identidades*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2021c.
- BRAICK, Pêrsio dos Reis; et al. *Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Volume 4: Trabalho e transformações*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2021d.
- BRAICK, Pêrsio dos Reis; et al. *Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Volume 5: Poder e participação*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2021e.
- BRAICK, Pêrsio dos Reis; et al. *Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Volume 6: Mundo em movimento*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2021f.

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Edital de Convocação nº 03/2019 – CGPLI: edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e recursos digitais para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2021. Brasília, 2019. Disponível em: https://www.fnde.gov.br/phocadownload/programas/Livro_Didatico_PNLD/Editais/PNLD_2021/EDITAL_PNLD_2021_CONSOLIDADO_8__RETIFICACAO_21.10.2020.pdf. Acesso em: 25 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Edital de Convocação nº 04/2015 – CGPLI: edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2018. Brasília, 2015. Disponível em: https://www.fnde.gov.br/phocadownload/programas/Livro_Didatico_PNLD/escolha-pnld/Edital_PNLD_2018_ENSINO_MEDIO_consolidado_3_Alteracao.pdf. Acesso em: 25 jan. 2025.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da Identidade*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018.

CAIMI, Flavia Eloisa. Sob nova direção: o PNLD e seus desafios frente aos contextos político-educativos emergentes. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 899-918, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623673836>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CAVALCANTI, Erinaldo. Livro didático: produção, possibilidades e desafios para o ensino de História. *Revista História Hoje*, v. 5, n. 10, p. 77-93, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v5i10.230>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CERRI, Luiz Fernando. *Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, p. 37-63, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008000003>. Acesso em: 8 mar. 2024.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. O ensino da história e os estudos de gênero na historiografia brasileira. *História & Perspectivas*, v. 28, n. 53, p. 13-36, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32777>. Acesso em: 15 fev. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. MORENO, Renata (org.) *Reflexões e Práticas de Transformação Feminista*. SOF: São Paulo, 2015.

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. v. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes; BARROS, Cristina Terezinha Borges de. Relações de gênero e sexualidade: uma análise do discurso dos livros didáticos. *Contexto & Educação*, v. 38, n. 120, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/9149>. Acesso em: 24 jan. 2025.

GIROTTI, Eduardo Donizetti. Pode a política pública mentir? A Base Nacional Comum Curricular e a disputa da qualidade educacional. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 40, p. 1-21, 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Psicologia Política*, v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004. Acesso em: 10 jan. 2025.

LIBÂNEO, J.C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, e190901, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DYxJyKYs6XjMBJSrD6fwbJx/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LUGONES, María. “Colonialidade e Gênero”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020a.

MACHADO, Lia Zanotta. Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? In: Sociedade Brasileira de Sociologia (Ed.) Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo, 52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência. Brasília: SBP, 2000.

MARQUES, Ana Maria; ALBUQUERQUE, Ana Carolina do Nascimento. Mulheres e a história aprendida nos livros didáticos: análise de coleções didáticas. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, v. 22, n. 39, p. 124-144, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/12573>. Acesso em 25 jan. 2025.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. *Direito & Práxis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

MONTEIRO, Ana Maria. Professores e livros didáticos: narrativas e leituras no ensino de História. *História da Educação*, v. 22, n. 55, p. 1-24, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/79111>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. História, ensino de história e gênero: discutindo a relação. *Revista Eletrônica Documento/Monumento*. v. 18, n. 1, out/2016. Disponível em: <http://www.ufmt.br/ndihr/revista/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

OYĖWÚMÍ, Oyeronké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas In: HOLANDA, Heloísa B. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020, p.84-95.

ROCHA, Helenice. Livro Didático de História em análise: A força da tradição e transformações possíveis In: ROCHA, Helenice A. B.; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo (org.). *Livros didáticos de História: entre políticas e narrativas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2017.

ROSA, L.O. e Ferreira, V.S. A rede do Movimento pela Base e sua influência na Base Nacional Comum Curricular brasileira. *Teoria e Prática da Educação*. 21, 2 (nov. 2018), 115-130, 2018. DOI:<https://doi.org/10.4025/tpe.v21i2.45391>.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; MEDEIROS, Kenia Gusmão. Saberes, experiências e diálogos: ensino de história, gênero e história pública. *Ensino & Pesquisa*, v. 17, n. 2, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/ensinoepesquisa/article/view/4243>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SAFFIOTI, Heleith I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1987.

SANTOS, M. L. L. dos; MALDONADO, M. M. C.; PERIPOLLI, O. J. A representação das mulheres nos livros didáticos do PNLD Campo e suas possibilidades. *Revista Espaço do Currículo*, v. 15, n. 1, p. 1–17, 2022. DOI: 10.15687/rec.v15i1.62817. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/62817>. Acesso em: 26 fev. 2025..

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e realidade*. Jul/dez, p. 71-99, 1995.

SFENNER, F. O ensino de história e a crítica à história oficial: gênero, memória e representações. In A. L. M. Silva, P. A. C. Silva, & M. S. Carvalho (Eds.), *História, ensino e gênero*. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

**GÊNERO, MULHERES E PATRIARCADO EM DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO
DIDÁTICA MODERNA PLUS VOLTADA PARA O ENSINO MÉDIO**

Autora correspondente:

Fernanda de Santos Nascimento

Universidade Federal do Pampa – Unipampa

R. Conselheiro Diana, 650, Jaguarão/RS, Brasil. CEP 96300-000

fernandaisrael@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

